

OPINIÃO

CAIO NAVARRO
DE TOLEDO

10 Anos de Cemarx

Com frequência, em todo o mundo, a "morte do pensamento de Marx" é comemorada pelos ideólogos liberais e do conservadorismo. Nos anos 90, no auge do pensamento neoliberal e com o chamado pós-modernismo, estas comemorações voltaram a se manifestar enfaticamente na mídia e em certos meios acadêmicos e culturais. Para estes, a desagregação da antiga URSS e a rendição do socialismo do leste ao capitalismo neoliberal eram provas definitivas do colapso do pensamento de Marx e do marxismo em geral. De forma cética, quando não cínica, renomados intelectuais – outrora militantes do socialismo – anunciaram que, no plano do pensamento, a contemporaneidade agora se expressava pelo pós-marxismo ou pelo pós-socialismo. Fim da história, fim das ideologias e vitória da democracia liberal constituíam, assim, o senso comum dominante nos meios culturais e acadêmicos.

Contra esse senso comum e navegando contra a corrente, um grupo de acadêmicos da Unicamp, em meados dos anos 1990, tomou a iniciativa de criar um centro de estudos que tomava a obra de Marx como referência fundamental de pesquisas e de debates.

O Cemarx surgiu no IFCH com uma afirmação central e uma justificativa teórica básica: o conjunto da obra de Marx é imprescindível para o trabalho de investigação no terreno da filosofia e das ciências sociais. Assim, se se pretende produzir conhecimento rigoroso e crítico sobre a sociedade capitalista contemporânea não podemos dispensar os conceitos, as categorias heurísticas e a metodologia propostos, implícitos ou sugeridos pela obra de Marx.

Desconhecer ou interditar o acesso dos pesquisadores e estudantes ao pensamento de Marx – como fazem sistematicamente instituições e centros de estudos não necessariamente privados –, significa objetivamente impedir que floresça e se desenvolva um pensamento crítico e criador.

Longe de nós a infundada suposição de que apenas na companhia de Marx poderemos alçar ao plano do pensamento crítico. As obras de Platão, Spinoza, Kant, Hegel, Weber, Wittgenstein, Freud e de muitos outros são também imprescindíveis, pois constituem um patrimônio do pensamento e da razão humana. Valiosos e bem vindos são, pois, os centros de estudos, existentes em várias partes do mundo, em torno da obra destes pensadores.

É de se admitir que quem se vincula a centros como estes, tem, basicamente, um legítimo interesse cognitivo. No entanto, um centro de estudos em torno de Marx não visa apenas o entendimento rigoroso do pensamento deste autor;



Fotos: Neldo Cantanti

Comemoração

O Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da Unicamp celebrou 10 anos de atividades com um dia de debates e uma exposição de cartazes, em 9 de novembro. Segundo a diretora Andréia Galvão, o Centro vem organizando seminários, grupos de estudos e pesquisas em torno de textos, autores e correntes do marxismo, somando 71 eventos desde 1996. Os grupos de pesquisa mantidos pelo Cemarx são de *Marxismo e Teoria Política*, coordenado pelo professor Álvaro Bianchi; *Neoliberalismo e Relações de Classe*, coordenado pelo professor Armando Boito; e o mais recente, *Capital*, coordenado pelo professor Hector Benoit. A professora Andréia Galvão (à esquerda na foto do grupo) observa que, mesmo com o refluxo acadêmico e político deste pensamento a partir da década de 1980, há várias iniciativas, no Brasil e no exterior, no sentido de revigorar o marxismo. "A crise amplia o interesse em estudar a po-



lítica a partir de uma perspectiva marxista, que representa um instrumental teórico crucial para compreender o funcionamento da sociedade capitalista", afirma.

seus pesquisadores – na boa tradição do marxismo clássico – também se comprometem no sentido de produzir uma reflexão crítica e transformadora.

Refletir sobre a obra de Marx nunca será um ato gratuito, diligente ou inconseqüente para quem leva em conta os pressupostos teóricos centrais desse pensamento. A rigor, levar a sério o projeto intelectual de Marx implica tomar posição diante das lutas históricas que homens e mulheres travam pela transformação da ordem burguesa e capitalista.

Significa isso afirmar que o Cemarx deve, publicamente, assumir posições militantes e ter um caráter político? Em absoluto. O Cemarx, nestes 10 anos de existência, jamais se identificou com uma particular posição ou uma definição político-partidária. Nunca se posicionou nem se posicionará oficialmente sobre aspectos da conjun-

tura política brasileira ou mundial. Embora não assuma nenhum tipo de ecletismo ou neutralidade axiológica ou política, o Cemarx tem sido conseqüente na defesa e na prática do pluralismo teórico e político em todas suas atividades.

O significado do engajamento político-ideológico de um centro de estudos como este – distinguindo-se, pois, dos seus congêneres – reside no compromisso de promover a discussão da realidade político e social do capitalismo contemporâneo. Paralelamente aos grupos de pesquisas e de estudos que se desenvolvem no Centro, são organizados debates com pesquisadores e especialistas – socialistas ou não – sobre questões cruciais e relevantes, tais como a guerra imperialista no Afeganistão, no Iraque, no Líbano; o 11 de setembro; a violência contra o povo palestino e o conflito árabe-israelita; o golpe de 1964; as esquerdas e a

eleição presidencial no Brasil etc.

O Cemarx é, hoje, inegavelmente, a mais importante referência acadêmica no campo dos estudos marxistas no Brasil. Para o ex-diretor do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), o sociólogo Atilio Borón, o Cemarx é um exemplo a ser seguido pelos universitários marxistas da AL. Se isto nos incentiva, não podemos, contudo, deixar de reconhecer que este Centro de estudos poderia ser mais forte e consistente do ponto de vista intelectual e acadêmico.

Como o exercício da crítica e da autocrítica é inerente à reflexão marxista, temos de reconhecer que nem todos marxistas da Unicamp participam do Cemarx. Dissensões no passado provocaram o afastamento de colegas que estiveram presentes na criação do Centro. Não sendo este o momento mais apropriado para examinar esta situação, cabe, de forma positiva,

observar que, nos anos recentes, colegas do IFCH e de outros institutos, cujas preocupações teóricas se vinculam à teoria marxista, têm sido convidados e participado de nossas atividades. Fortalecer o campo do marxismo no interior da universidade brasileira, em particular na Unicamp, tem sido uma preocupação constante do Cemarx.

Finalmente, devemos ressaltar um valor que distingue o funcionamento e a organização do Cemarx. É muito lembrado que, nos tempos atuais, ninguém ousa ser contra a democracia; difícil, no entanto, seria encontrar entidades ou comportamentos democráticos. Deixando de lado a questão da veracidade ou não desta *blague*, importa assinalar que no espaço do Cemarx o exercício da democracia tem sido uma realidade efetiva.

Se, em virtude da especificidade do trabalho acadêmico, a responsabilidade da Direção do Centro cabe sempre a um docente, tudo o mais é objeto de debate e decisão por parte do conjunto de seus participantes (professores, pesquisadores e estudantes, sejam eles graduandos ou pós-graduandos).

Exemplar neste sentido é a organização da atividade que mais tem projetado o trabalho do Cemarx nos meios acadêmicos brasileiros. Na organização dos *Colóquios Marx e Engels* está em questão: a definição de sua problemática, os temas a serem discutidos, a escolha dos conferencistas e debatedores, a definição dos grupos de trabalhos, a seleção dos textos a serem apresentados e as demais responsabilidades que implicam a efetiva realização do evento. O testemunho dos estudantes – mais do que minhas palavras que, certamente, poderiam ser aqui interpretadas como mera retórica – deveria ser invocado para comprovar a efetiva existência da democracia no cotidiano e na prática do Cemarx.

Porém, se o público for benevolente e conceder que este discurso é veraz, diria que a democracia interna pode ser um fator que explica consolidação do Cemarx bem como sua relevância na vida cultural e política da Unicamp.

Por último, já que falamos em democracia, devemos lembrar que, em pesquisa feita no ano passado pela BBC, Marx foi eleito o mais importante pensador de todos os tempos. Certamente, é possível questionar o rigor deste tipo de consulta de opinião. Mas não se pode deixar de concluir: a própria mídia que enterra, vê-se obrigada – por força da rebeldia do público – a reconhecer que o pensamento de Marx ainda está vivo e continua nos interpelando.

Caio Navarro de Toledo é professor do Departamento de Ciência Política do IFCH e diretor associado do Cemarx

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge
Vice-reitor Fernando Ferreira Costa
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib
Pró-reitor de Pesquisa Daniel Pereira
Pró-reitor de Pós-Graduação Teresa Dib Zambon Atvars
Pró-reitor de Graduação Edgar Salvadori de Decca
Chefe de Gabinete José Ranali

JORNAL DA UNICAMP

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3521-5108, 3521-5109, 3521-5111. Fax (0xx19) 3521-5133. Homepage <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail imprensa@unicamp.br. Coordenador de imprensa Eustáquio Gomes. Assessor Chefe Clayton Levy. Editores Alvaro Kassab e Luiz Sugimoto. Redatores Carmo Gallo Netto, Isabel Gardenal, Jeverson Barbieri, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. Fotografia Antoninho Perri, Neldo Cantanti. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Diagramação Andre Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. Arquivo Antonio Scarpineti. Serviços Técnicos Dulcinéia B. de Souza, Edison Lara de Almeida e Hélio Costa Júnior. Impressão Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3232-2210. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assinaju